



## Conflitos identitários na produção artística e nas práticas discursivas no regionalismo roraimense

Adriana Moreno Rangel<sup>1</sup>

UFRR/PPGL

Luís Fernando Lazzarin<sup>2</sup>

UFSMA/PPGL

**Resumo:** A presente pesquisa de natureza qualitativa - interpretativa teve como objetivo compreender a relação existente entre a linguagem visual do artista plástico, Jorge Cardoso, destacando elementos icônicos e as práticas discursivas do regionalismo no estado de Roraima. Os dados analisados foram coletados por meio de entrevista gravada em áudio, matéria em jornal eletrônico e observação das obras: *Amanhecer no lavrado*, *Cruviana* e *Guardião de Ouro Inca* para sua posterior triangulação. Os resultados ressaltam algumas implicações a respeito do processo identitário em Roraima que podem talvez incentivar outras pesquisas nessa área. As abordagens teórico/metodológicas que orientaram a pesquisa têm como base os Estudos Culturais e a Linguística Aplicada que possibilitaram envolver a cultura como recurso. Neste sentido, utilizamos o conceito de hibridação como um processo, onde o sujeito possa compreender suas posições de pertencimento e não-pertencimento. Os resultados preliminares revelaram conflitos identitários na produção artística do pintor roraimense, Jorge Cardoso, como também nas práticas discursivas no regionalismo roraimense. Percebemos que em Roraima há uma necessidade de negociação para sobreviver afirmando a própria identidade e ao mesmo tempo em que é preciso relacionar-se. Desta forma, nosso objetivo de compreender a identidade cultural na produção discursiva no regionalismo em Roraima por meio das representações visuais na obra do artista Jorge Cardoso, foi atingido. A partir desses primeiros resultados, acreditamos que podemos aprofundar nossa investigação no sentido de analisar como a linguagem não-verbal atua como produtora no processo de construção da identidade cultural de Roraima.

**Palavras-chaves:** conflitos identitários, linguagem visual, práticas discursivas.

**Abstract:** The aim of this qualitative-interpretative research was to understand the relationship between the visual language of the artist, Jorge Cardoso, highlighting iconic elements and discursive practices in regionalism in the state of Roraima. We analyzed data that were collected through interviews recorded in audio; an electronic newspaper report and paintings' observation: "*Amanhecer no lavrado*" (Sunrise in the tilled), "*Cruviana*" and "*Guardião de Ouro Inca*" (Inca's Golden Guardian) for later triangulation. The results highlight some implications about the identity process in Roraima that can perhaps encourage further researches in this area. The theoretical / methodological approaches that conducted the research are based on Applied Linguistics and Cultural Studies which enabled us to engage the culture as a resource. In this sense, we used the concept of hybridization as a process, where the subject can understand his belonging and not belonging position. Preliminary results revealed identity conflicts in Roraima painter's artistic production, Jorge Cardoso, as well as discursive practices in Roraima's regionalism. We realize that in Roraima there is a need to

<sup>1</sup> adrianamoreno@ccla.ufrr.br

<sup>2</sup> fernando.lazza@gmail.com



*negotiate to survive asserting own identity and at the same time it is necessary to get along with. Thus, our goal of understanding the cultural identity in discourse production in regionalism in Roraima through visual representations in Jorge Cardoso paintings, has been reached. From these first results, we believe we can further our research to analyze how non-verbal language acts as a producer in the construction of cultural identity of Roraima.*

**Keywords:** conflicts of identity, visual language, discursive practices

## 1. Introdução

Neste trabalho ensaiamos algumas aproximações entre a Linguística Aplicada e os Estudos Culturais, além de envolver alguns aspectos da Linguagem Visual – nas Artes Visuais e da Análise do Discurso. Procuramos dialogar com conceitos que sustentassem compreender a relação existente entre a linguagem visual do artista plástico roraimense, Jorge Cardoso, destacando elementos icônicos nas telas: Amanhecer no lavrado – 2007, Cruviana - 1999 e Guardião de Ouro Inca - 2007 e as práticas discursivas do regionalismo no estado de Roraima.

O percurso da pesquisa partiu do contexto produzido por mudanças globalizadas em uma sociedade que deriva de sucessivos processos de migrações, ou seja, uma sociedade de identidades plurais, mas também contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades, como ocorre no Estado de Roraima, cenário de grandes discussões e um caminho fértil a ser investigado a respeito dos conflitos culturais que permeiam este espaço, que denominamos de regiões culturais, por ser uma trama de identidades atraídas e repelidas em encontros e desencontros cotidianos, esboçado socialmente por contornos indígenas e pela presença de migrantes, principalmente, nordestinos.

Diante desse cenário múltiplo, a sociedade roraimense convive intensamente em seu cerne várias vozes que dialogam e polemizam olhares que alimentam o seu “caldeirão” multicultural, e com ele, conflitos relacionados à cultura e à identidade que podem ser apreendidos em distintas situações e contextos.

Ainda neste sentido, percebemos que atualmente existem pesquisadores, principalmente na Universidade Federal de Roraima, localizada na Capital Boa Vista, que evidenciam a importância das pesquisas que envolvam a cultura e a identidade local em diversos espaços, sejam eles físicos ou imaginários.



Em nosso trabalho analisamos o espaço imagético das três obras, Amanhecer no lavrado, Cruviana e Guardiã de Ouro Inca, o efeito discursivo de uma entrevista realizada com o Historiador e Professor Dr. Reginaldo Gomes de Oliveira da UFRR, que relata vida e obra do artista Cardoso, e algumas características das obras aqui apresentadas, fazendo alusão a identidade regional e o contexto já diversificado.

Havia grupos em diversas linguagens, como a música, a dança, o teatro e as artes plásticas, destacaram alguns nomes nesta época (1975), o Valdeniro e o próprio Cardoso. Ele se destacou por utilizar temáticas locais, como as lendas indígenas, a fauna e flora. Em 1980, roraimenses que retornavam com formação acadêmica e que começaram a participar de projetos de inserção da arte nas escolas e promover discussões sobre cultura e identidade de Roraima. (GOMES, 2010) Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2010.

Além do discurso midiático apresentamos uma matéria online veiculada no dia 04 de dezembro de 2008, em um jornal local, que apresentava o seguinte conteúdo:

**Roraima terá primeiro leilão de artes**

Com o apoio da Secretaria Extraordinária da Promoção Humana e Desenvolvimento (SEPHD) a marchand Edicilda Cardoso realizará no dia 12 de dezembro, às 20h30 no Espaço Glamour, na avenida Glaycon de Paiva, um exposição de artes plásticas, com o tema “Isto é Roraima” e o primeiro leilão de arte do Estado. (...) Já a exposição “Isto é Roraima” contará com 20 peças em óleo sobre tela, do artista plástico Cardoso. Elas retratam a cultura local, por meio das paisagens naturais da nossa terra, como igarapés e buritizais. De acordo com Edicilda Cardoso, a intenção do artista é “imortalizar as belezas de Roraima. (Fragmentos extraído do Texto publicado pela Folha Web do Jornal Folha de Boa Vista no dia 04 de dezembro de 2008 fonte: <http://www.folhabv.com.br/noticia.php?id=51828>

Após a análise, triangulamos os dados entrecruzando em uma perspectiva multidisciplinar de distintas e relevantes áreas do saber, tais como: a Linguística Aplicada, os Estudos Culturais, as Artes Visuais e a Análise do Discurso, que nos permitiram enxergar como o sujeito se constrói na e pela linguagem, promovendo a hibridação com novas percepções, e o efeito das imagens sobre o cotidiano cultural e social de um lugar por meio de suas representações e sistemas simbólicos, sugerindo novos olhares na produção artística roraimense.



## 2. Cultura e identidade em Roraima

A cultura e a identidade roraimense estiveram fortemente em evidência na década 1980 por meio dos artistas e intelectuais locais que fizeram de Boa Vista, palco de um movimento cultural chamado “Roraimeira”<sup>i</sup>, que objetivava construir uma identidade cultural agregada a elementos simbólicos indígenas e da fauna e flora da região. Este movimento é visto como importante momento cultural e social para o Estado, pois proporcionou a sociedade roraimense conhecer os artistas locais e suas produções, além de iniciar uma reflexão mais profunda sobre sua identidade cultural e sua arte “regional” embebidas de contrastes.

A partir disso, Gomes (2010) ressalta que desde os anos 60, com a igreja católica, já havia a necessidade de definir uma cultura, uma identidade local e na década de 70 do século XX, grupos artísticos de diferentes linguagens que frequentavam oficinas de arte, principalmente, ministradas por esposas de militares e tinham formação em Belas Artes, já se mobilizavam entorno do assunto. Porém, o movimento somente tomou forma e voz em 1980. Uma onda de discussões se propagou em torno da capital, Boa Vista, afim de desenvolver não só encontros sobre cultura, identidade e arte, mas que produzissem ações que modificassem no contexto da época.

Quando começamos a discutir nas escolas, qual é a cultura de Roraima? qual é a culinária de Roraima? qual é a música de Roraima? (...), nós ficamos sem respostas, porque o que se apresentou foi uma diversidade, e nós queríamos uma identidade específica. O que resultou foi um entendimento - grande parte do grupo de roraimenses, principalmente esses com curso superior, queriam encontrar uma resposta, que nos desse segurança, que aquela manifestação fosse especificamente de Roraima. E o que se apresentava como específico de Roraima era a cultura indígena, que nesta época anos 80, ainda não era bem aceita por esta sociedade já diversificada nas suas manifestações culturais. (GOMES, 2010) Entrevista realizada no dia 09 de novembro de 2010

Mesmo depois de décadas passadas, a sociedade roraimense ainda busca constantes respostas a fim de delinear o que identifica a cultura do lugar. Nesse sentido, faz-se necessário questionar se realmente há um desenho totalmente representacional que diga como é ser roraimense. O que podemos visualizar é que, no contexto atual, ainda permeiam diversas culturas oriundas de migrações de brasileiros e estrangeiros, na sua maioria, venezuelanos e guianenses, além da presença constante da cultura indígena.



Diante disso, observamos que a identidade aqui se configura em um movimento de negociação e é relacional, sendo formada a partir do que “não se é”. Ao dizer “sou roraimense”, estou dizendo também “não sou potiguar”, “não sou venezuelana” e assim por diante. Para Silva (2003), a identidade se constitui pela diferença, sendo esta, pois, a condição de existência daquela.

Ainda de acordo com o autor, as identidades não existem espontaneamente no mundo cultural, mas a identidade e a diferença são produtos sociais, “fabricados” pela/na linguagem. E explica que:

a identidade e a diferença não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. (...) Somos nós que as fabricamos no contexto de relações culturais e sociais. (ibidem, 2003, p. 76-78.

Destacamos as artes visuais materializadas em forma de obra de arte (a pintura), com a finalidade de revelar as diferentes maneiras pelas quais a linguagem visual marca as formas pelas quais somos representados, e faz emergir o chamado jogo das identidades que transita levada na e pela linguagem do “eu” com o “outro”, surgindo às produções de sentido e incidindo as percepções que os sujeitos têm de si mesmos e de suas relações com os outros.

### **3. A produção artística roraimense como um espaço discursivo**

Ao nos depararmos com a linguagem, mais precisamente a linguagem visual da obra de arte, nos questionamos quanto à capacidade de pensá-la discursivamente, e como ela revela e produz identidade, são algumas reflexões resultantes desse questionamento que trazemos aqui, como trajeto.

A relação do pintor com a sua obra é extremamente indissociável. Assim como é a relação do sujeito com o seu discurso. Perceber a obra como um discurso é buscar, então, os efeitos de sentidos ali instaurados. Como uma imagem associada à outra imagem remete a algo talvez ausente, ou de efeito metafórico que pode ou não resvalar os sentidos. Entre o pintor e a sua obra há um espaço de interpretação pela língua, o que é evidente pela injunção ao dizer instaurada na escolha dos títulos para sua obra. O sujeito permanece buscando a





completude, o preenchimento do real e para tanto vai buscar material no simbólico, que é a língua.

A união título e pintura culminam em efeitos discursivos distintos dos que suscitariam se tomados dissociadamente. Os sentidos são outros, não porque as palavras são outras, ou as imagens são outras, mas sim, porque tanto a pintura quanto a língua, quando aliadas, produzem um dizer, verbal e visual, completo e incompleto, transparente e opaco, simétrico e assimétrico.

As imagens são formas culturais de apresentar, narrar ou referir, caracterizando ou nomeando grupos de indivíduos, sujeitos, conceitos, valores e identidade. As representações imagéticas se efetivam através de sistemas visuais (fotografia, vídeo, pintura, televisão, cinema, teatro, etc.). Nesse contexto, podemos considerar que as imagens:

têm sido meio de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura. Todavia, enquanto a propagação da palavra humana começou a adquirir dimensões galácticas já no século XV de Gutenberg, a galáxia imagética teria de esperar até o século XX para se desenvolver. Hoje, na idade vídeo e infográfica, nossa vida cotidiana – desde a publicidade televisiva ao café da manhã até as últimas notícias no telejornal da meia-noite – está permeada de mensagens visuais, de uma maneira tal que tem levado os apocalípticos da cultura ocidental a deplorar o declínio das mídias verbais. (SANTAELLA e NÖRTH, 1999,13)

Sendo assim, a linguagem visual pode ser tomada sob diferentes condições de produção, considerando os aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem a produção dos discursos plásticos, pois para haver discurso não é necessário que haja um texto verbal e sim sentidos postos. Portanto, se algo é ou está posto há possibilidades de análise, pois existiram e existem condições de produção desses sentidos.

Nesse sentido, as imagens materializadas nas telas do pintor, Jorge Cardoso, não somente apresentam elementos de representações de fatos sociais e de fenômenos comportamentais que se reproduzem no cotidiano roraimense - o “local”, como dados visuais de investigação identitária e cultural, mas também se revela como um espaço permeado de elementos que transpassa o discurso regional. Desse modo, este espaço é produto de práticas sociais que expressam relações de saber e poder (FOUCAULT, 1986).

Consideramos que este espaço, enquanto discurso, ou seja, linguagem em movimento – portanto prática social e discursiva – não apenas representa com maior ou menor



fidedignidade um lugar, mas participa de uma espacialidade regional que se pretende roraimense.

Talvez, o espaço regional roraimense não está e nem esteve sempre presente, ele não precede a sociedade que o conforma, pois o regionalismo é produto de uma teia de imagens, conceitos e ideias que lhe vão (re)constituindo, (re)construindo em significado, demarcando ou extrapolando seus limites e traçando uma imagem social. Assim, a arte pode representar espaços e preconizar não só ações socialmente situadas, mas também performances de identidades.

Em uma das telas citada por Gomes (2010), conhecedor da trajetória profissional do artista e do contexto histórico, político, social e cultural do estado, ele ressalta a importância da representação icônica que o artista faz em seu discurso pictórico no O Guardião de Ouro Inca.

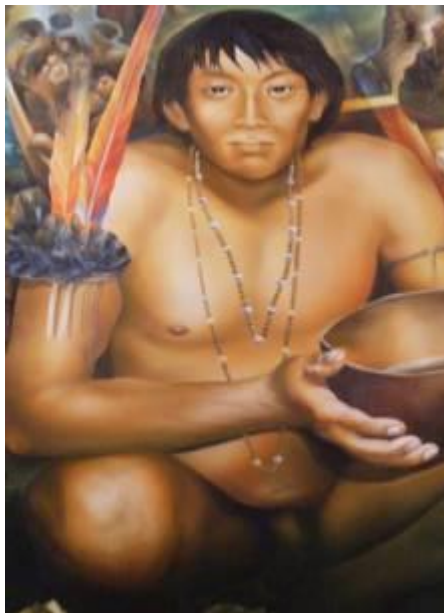


01 - Guardião de Ouro Inca (2007)

Neste espaço de perspectiva e pigmentos que a obra Guardião de Ouro Inca surge, nos mostra um ser naturalizado de formas harmoniosas junto a artefatos de ouro da cultura Inca e



uma paisagem cultivada por vales, compondo uma paisagem de almas atormentadas ou vagas punidas em um cenário de degradação humana e natural, fruto das atividades do garimpo.



02 – Detalhe do Guardiã de Ouro Inca

Ao interpretar a obra, podemos dizer que a imagem representa uma realidade vivida em Roraima, porém os elementos icônicos presentes não configuram o que seria Roraima, ou seja, o índio naturalizado, os artefatos de ouro de outra civilização e a composição da paisagem nos levam a uma leitura “universal” e não somente localizada.



03 – Detalhe dos artefatos de ouro.

A imagem aqui não é utilizada para refletir a realidade, mas deve ser fruto de uma interpretação e assim, construir, desconstruir e reconstruir concepções de mundo através de representações, significados e interpretações.





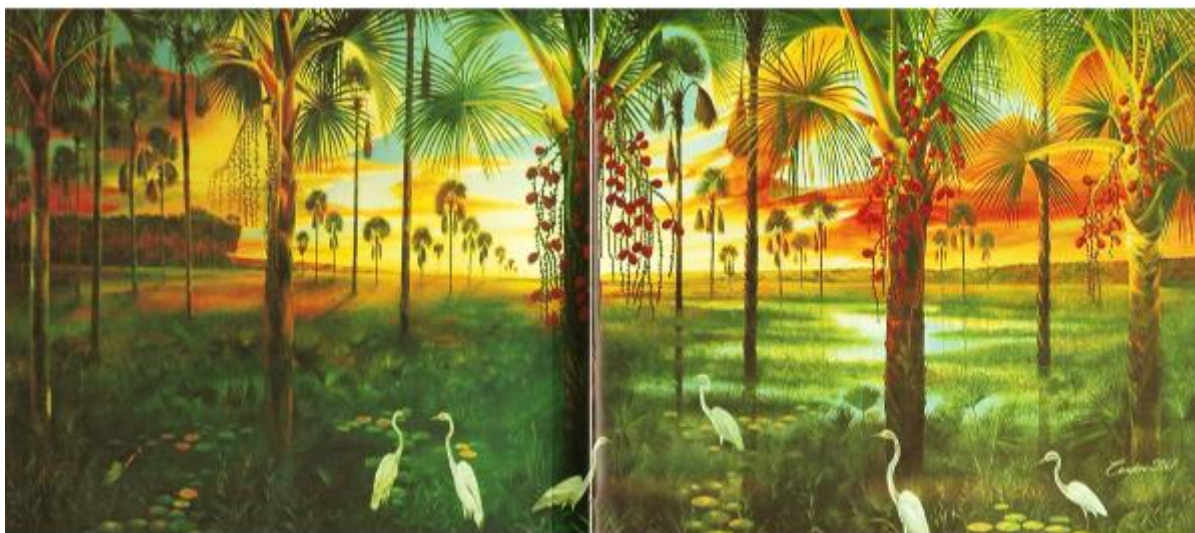
O quadro *Cruviana*<sup>ii</sup>, segundo Oliveira (2010), nos mostra uma divindade em forma humana no corpo de uma mulher, que nos traz a suavidade da brisa em seu sobro criador, onde garças surgem e tomam o lavrado<sup>iii</sup> e, em suas mãos, ao levantar o fruto do buriti como uma hóstia sagrada, – elemento da religião católica – referenda a importância do buritizeiro para o ecossistema – uma palmeira que cresce junto ao lavrado que segue ao fundo da tela.



04 – Cruviana (1999)

A mulher com longos cabelos escuros, com olhos puxados e lábios grossos, a princípio marca características que demonstram uma estética da mulher cabocla que se banha nos igarapés da região. O nome da obra nos remete a um período em que os ventos em Roraima, principalmente em sua capital Boa Vista, segundo relatos de moradores antigos, durante a noite surpreendiam a população com uma forte ventania e som peculiar que causava em muitos, medo e arrepios.

Outro quadro citado por Oliveira (2010), o *Amanhecer no Lavrado*, parece uma continuidade do *Cruviana*, aqui a explosão de verdes se torna mais vivido, mostrando a fertilidade do lavrado pontuado por garças brancas em contraste com os buritizeiros pintados já pelo calor do dia.



Ao narrar o cenário da Cruviana

05 – Amanhecer do Lavrado (2007)

As telas do artista não trazem apenas o cenário dito como “local”, elas desdobram fronteiras e permitem trocas de diferentes tipos de culturas. A imagem nos permite uma viagem mítica encenando o “local” e o “universal” em um mesmo espaço dividido em vários tempos, onde podemos reconhecer elementos do cotidiano roraimense, como também figuras globais misturadas em um mesmo plano, configurando um cenário híbrido oriundo de um processo, onde o sujeito possa compreender suas posições de pertencimento e não-pertencimento.

O teor temático fortalece a identidade regional. Mas, ao aprofundarmos nossos estudos, percebemos que há várias vozes que comungam o mesmo espaço. É como se houvesse uma negociação de poderes que culminam em uma harmonia visual, onde os conflitos sociais, culturais, religiosos não ferem a cena idealizada pelo o artista. Acreditamos que já seja um indício de hibridação no discurso identitário tramado em um discurso regionalizado.

Ainda neste sentido, a imagem nos permite uma visualidade coletiva na qual as identidades se descortinam, permitindo que diferentes sujeitos, a partir de formas específicas de identificação, definam de maneira dinâmica, novas identidades ou mesmo antigas identidades reformuladas. Para Hall (2003, p.13), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.”



Diante disso, com as formas culturais (pintura, fotografia, teatro, cinema, televisão, etc.), os sistemas de representação nos permitem construir e interpretar significados dando sentido ao mundo, transformando-o historicamente e socialmente. Sob esta perspectiva, a representação não é vista como um espelho, mas evoca ideias, representações, experiência, visualidades que acionam relações entre a subjetividade individual e a construção, ou por que não dizer, produção social. É nesse caminho que tentamos compreender e fazer refletir nossa investigação, operando um processo de confronto entre percepção, pensamento e a realidade do sujeito em seu cotidiano.

Ao evidenciar uma reflexão sobre a arte, seja ela clássica, popular ou contemporânea, abrimos a possibilidade de desvelar mundos intermediários nos quais as imagens competem pelo poder da representação, expondo e provocando múltiplas camadas de significado e de respostas subjetivas para experiências visuais do cotidiano. ROGOFF, 1998.

#### **4. A representação de traçados inacabados do regionalismo roraimense.**

É interessante notar que já existem sinais de novos traços distintivos que hoje, alguns artistas, design e artesãos adotam como marcadores de pertencimento, ainda que alguns deles os utilizem como parte de um movimento estético, como no caso das músicas, das artes plásticas e artes cênicas. Ainda assim são movidos por um desejo de fazer parte de algo, mesmo que esse algo não imponha a necessidade de estabelecer rigidamente um vínculo orgânico de pertencimento coletivo, mas que possa minimizar os riscos das idealizações e das apologias representacionais.

A representação é, assim, um processo cultural de significação da experiência humana. Essa significação é inerente à identidade que por sua vez, dentro da dinâmica humana, não pode ser estável e imutável. A esse respeito, a autora, Woodward (2001) diz que:

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (p. 17).

O que podemos traçar, segundo a autora é que não podemos ignorar a grande mobilidade internacional nos processos migratórios e suas consequências para as identidades de quem migra e das comunidades que recebem esses “intrusos” sucedendo-se a partir daí um



processo onde ambos os grupos passam por uma transformação que nem sempre é harmoniosa.

Ainda neste sentido, se a “migração produz identidades plurais”, como afirma a autora, ela também “produz identidades contestadas” e como consequência disso as desigualdades. Assim, podemos enxergar várias semelhanças com as características sociais e culturais de Roraima, principalmente na Capital Boa Vista, onde vivem alguns nomes expressivos da arte – da cultura, que na sua maioria são: índios, caboclos, imigrantes (também de países vizinhos – Venezuela e Guiana). Todos no cotidiano, dividindo o mesmo espaço com fronteiras desdobradas e imaginadas, que produz e reproduz, que articula, que apresenta e representa a cultura multicultural local, mesmo cheia de diálogos tortos e indefinidos.

## 5. Algumas considerações

Com o início deste trabalho, percebemos que o discurso regional ainda é uma tendência em Roraima, talvez por ser um estado novo, que passa por transformações culturais não tão rápidas como em outras capitais ou por ainda não ter fechado seu ciclo de movimentos culturais iniciados no passado, almejando uma especificidade cultural marcada apenas por roraimenses, seja o motivo que realmente ancore este discurso, podemos apontar que os conflitos identitários existem por ainda existir camadas essencialistas, como o discurso da mídia, da política, da religião, entre outros, que não percebem a cultura e a identidade como elementos são fluídos e cambiantes.

Acreditamos que podemos aprofundar nossa investigação no sentido de analisar como a linguagem visual atua como produtora no processo de constituição da identidade cultural de Roraima, mas precisamos amadurecer alguns olhares para o que Roraima não mostra - o discurso silenciado por traz do véu do regionalismo.

Talvez essa caça por conceituar e caracterizar o “local” já seja traços da cultura roraimense que vem delineando novas arenas culturais.





## Notas

<sup>i</sup> O movimento Roraimeira teve seu início nos anos 80 por um grupo de artistas de diversas linguagens, na sua maioria, roraimenses - que por meio dos elementos indígenas e naturais (fauna e flora), buscavam uma identidade regional. Este movimento marca o começo da discussão sobre a identidade em Roraima.

<sup>ii</sup> A Deusa do vento, a mulher do alvorecer para a mitologia indígena Makuxi.

<sup>iii</sup> A paisagem denominada lavrado é uma região das savanas de Roraima (termo local). Trata-se de um ecossistema único, sem correspondente em outra parte do Brasil, com elevada importância para a conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos. Esta paisagem faz parte do grande sistema de áreas abertas estabelecido entre o Brasil, a Guiana e a Venezuela com mais de 60.000 km<sup>2</sup>. Disponível em: [www.boavista.rr.gov.br/produtos/produto7/05\\_DiagInt\\_Fauna](http://www.boavista.rr.gov.br/produtos/produto7/05_DiagInt_Fauna). Acesso em 03/08/2011.

## Referências

- CANCLINI, Néstor García. *Narrar o multiculturalismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- FOUCAULT Michel. *Microfísica do Poder*. 23 ed. São Paulo: Graal, 2007.
- HALL. S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Revista Educação e Realidade. 22(2), p 15-46, jul./dez., 1997.
- \_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ROGOFF, I. *Studying Visual culture*. Mirzoeff, N. (Ed.) *The Visual culture Reader*. London: Routledge, 1998.
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem - cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.